

9

A política nacional de saúde nos anos 1990 e 2000: na contramão da história?

Desmontagem da seguridade social e recomposição das relações público-privadas de atenção à saúde. Anos 1990: neoliberalismo de terceira via na reforma do Estado e na reforma setorial da saúde. Embates e resistências no campo da saúde pública ao longo dos anos 1990. Anos 2000: aprofundamento da relação público-privada na política nacional de saúde. Desmontagem da seguridade social e recomposição das relações público-privadas de atenção à saúde. Anos 1990: neoliberalismo de terceira via na reforma do Estado e na reforma setorial da saúde. Embates e resistências no campo da saúde pública ao longo dos anos 1990. Anos 2000: aprofundamento da relação público-

Para saber mais

LEITURAS

BAHIA, Ligia. A *Démarche* do Privado e Público no Sistema de Atenção à Saúde no Brasil em Tempos de Democracia e Ajuste Fiscal, 1988-2008. In LIMA, Júlio César França. e MATTA, Gustavo Corrêa (org.). Estado, sociedade e formação profissional em saúde: contradições e desafios em 20 anos de SUS. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/EPJSV, 2008. p 123-185.

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. A Saúde Pública e a Defesa da Vida. Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1994.

CAMPOS, Wagner de Sousa e MINAYO, Maria Cecília de Souza. Tratado de Saúde Coletiva. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

COHN, Amélia. Saúde no Brasil – políticas e organização de serviços. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. O SUS e o Direito à Saúde: universalização e focalização nas políticas de saúde. In LIMA, Nísia Trindade (org.). Saúde e Democracia – história e perspectiva do SUS. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p 385-405.

LIMA, Júlio César França e MATTA, Gustavo Corrêa (org.). Estado, Sociedade e Formação Profissional em Saúde: contradições e desafios em vinte anos de SUS. Rio de Janeiro: EPSJV/ Fiocruz, 2008.

<http://www.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=Material&Tipo=8&Num=95>

LIMA, Júlio César França. Neoliberalismo e educação profissional em saúde. Trabalho

necessário. Ano 5, nº 5, 2007.

<http://www.uff.br/trabalhonecessario/TN5%20LIMA,%20J.C.F..pdf>

_____. Política de saúde e formação profissional dos trabalhadores técnicos de enfermagem. Tese (Doutorado, Pós Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana) – UERJ, Rio de Janeiro, 2010.

Radis entrevista - Sérgio Arouca: o eterno guru da reforma sanitária. Radis. Comunicação em Saúde. Rio de Janeiro: ENSP/FIOCRUZ, nº 3, outubro de 2002.

http://www4.ensp.fiocruz.br/radis/pdf/radis_03.pdf

RETKA, Nilvo, CENTENARO, Andréia e outros. História. A saúde no Brasil a partir da década de 80: retrospectiva histórica e conjuntura atual. In. Seminário Estado e Políticas Sociais no Brasil. Cascavel, Paraná, 2003.

<http://cac-php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario1/trabalhos/Saude/eixo1/42NilvoRetka>

FILMES

Saneamento Básico, o filme. Direção Jorge Furtado. Brasil, 2007, 112 min. A comunidade da Linha Cristal, uma pequena vila de descendentes de colonos italianos na serra gaúcha, reúne-se para tomar providências sobre a construção de uma fossa para o tratamento do esgoto. Uma comissão é escolhida para pleitear a obra junto à subprefeitura. Após ouvir a reivindicação, a secretária da prefeitura

reconhece a legitimidade da solicitação, mas afirma que não dispõe de verbas para obras de saneamento básico até o final do ano. No entanto, a prefeitura tem quase dez mil em verbas para a produção de um vídeo. A verba veio do governo federal e, se não for gasta, terá que ser devolvida. A comunidade decide então fazer um vídeo sobre a obra.

Invasões Bárbaras. Direção Denis Arcand. Canadá, 2003, 99 min. Um professor universitário se encontra gravemente doente. Internado em um hospital público, com corredores superlotados, as críticas ao Estado aparecem. Seu filho, rico empresário, compra tudo e todos para dar conforto aos últimos dias do pai.

Encontro com Milton Santos ou o Mundo Global Visto do lado de cá. Direção Silvio Tendler. Brasil, 2007, 89 min. Documentário realizado a partir de uma entrevista com o geógrafo Milton Santos, no ano de sua morte. Milton Santos expõe suas ideias sobre o tema da globalização e seus efeitos nas cidades e países do planeta.

Quanto vale ou é por quilo. Direção Sérgio Bianchi. Brasil, 2005, 108 min. Livre adaptação para o conto “Pai contra Mãe”, de Machado de Assis. O filme faz uma profunda crítica da manutenção na sociedade brasileira de desigualdades e preconceitos históricos. No quadro de comparações, a cruel escravidão mantida até o século XIX e nos dias atuais a exploração da miséria pelo terceiro setor, na total ausência do Estado frente a essa questão.

A História Real. Direção Andrea Pasquini. Brasil, 2001, 15 min. Num hospital que luta para não fechar as portas, duas crianças descobrem o primeiro amor.

Memória del Saqueo. Direção Pino Solanas. Argentina/Suíça/França, 2003, 120 min. Documentário sobre a série de reformas políticas e econômicas ocorridas na Argentina desde o final da ditadura militar até sua crise institucional no início do milênio. Mortalidade infantil, desnutrição, abandono social e endividamento externo constroem a crítica à violência do neoliberalismo no mundo.

Ilha das Flores. Direção Jorge Furtado. Brasil, 1989, 13 min. Um ácido e divertido retrato da mecânica da sociedade de consumo. Acompanhando a trajetória de um simples tomate, desde a plantação até ser jogado fora, o documentário escancara o processo de geração de riqueza e as desigualdades que surgem no meio do caminho. <http://www.portacurtas.com.br/Filme.asp?Cod=647>

Sicko. Direção de Michael Moore. EUA, 2007, 113 min. Um painel do deficiente sistema de saúde americano. O documentário examina como o EUA chegou à mercantilização do seu sistema de saúde, que funciona apenas para aqueles que podem pagar. O filme visita uma série de países com sistema de saúde público e eficiente como Cuba e Canadá.

MÚSICA, POESIA E LITERATURA

Desterro. F.U.R.T.O / Composição: Marcelo Yuka, Marisa Monte, Jamilson da Silva e Dadi Carvalho.

Um nordestino de nome Jesus

Procurado noite e dia em São Paulo

Turcos na Alemanha

Um Palestino servindo café em Israel

Afro-asiáticos nas ruas de Seattle

*E mesmo assim ainda é difícil
Vê um beijo multiracial em Hollywood
O mundo migra e dá de cara com fronteiras
As chaves são as mesmas Samuel L. Jackson e
Charton Haston
Tem a mesma cor da violência
Os dois acreditam em armas
Os dois abrem portas com dólares e euros*

*Um beijo na pátria amada
Ao lado de uma bandeira queimada*

*Braço, é braço, braço de terra negada
Braços pulando os muros do mundo
Do futuro por emprego, braços de refugiados
Apesar de tudo, por um instante*

*Pousam num estado de aleluia
Sem religião desterro, ah, desterro*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/furto/209486/>

Haiti. Caetano Veloso e Gilberto Gil, 1993.

*Quando você for convidado pra subir no adro
Da fundação casa de Jorge Amado
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos e outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
(E são quase todos pretos)
E aos quase brancos pobres como pretos
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos quase pretos de tão pobres são
tratados
E não importa se os olhos do mundo inteiro
Possam estar por um momento voltados para o largo
Onde os escravos eram castigados
E hoje um batuque um batuque
Com a pureza de meninos uniformizados de escola
secundária*

*Em dia de parada
E a grandeza épica de um povo em formação
Nos atrai, nos deslumbra e estimula
Não importa nada:
Nem o traço do sobrado
Nem a lente do fantástico,
Nem o disco de Paul Simon
Ninguém, ninguém é cidadão
Se você for a festa do pelô, e se você não for
Pense no Haiti, reze pelo Haiti
O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui
E na TV se você vir um deputado em pânico mal
dissimulado
Diante de qualquer, mas qualquer mesmo,
qualquer, qualquer
Plano de educação que pareça fácil
Que pareça fácil e rápido
E vá representar uma ameaça de democratização
Do ensino do primeiro grau
E se esse mesmo deputado defender a adoção da
pena capital
E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no
feto
E nenhum no marginal
E se, ao furar o sinal, o velho sinal vermelho
habitual
Notar um homem mijando na esquina da rua sobre
um saco
Brilhante de lixo do Leblon
E quando ouvir o silêncio sorridente de São Paulo
Diante da chacina
111 presos indefesos, mas presos são quase todos
pretos
Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de
tão pobres
E pobres são como podres e todos sabem como se
tratam os pretos
E quando você for dar uma volta no Caribe
E quando for trepar sem camisinha*

*E apresentar sua participação inteligente no
bloqueio a Cuba
Pense no Haiti, reze pelo Haiti
O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui
Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/44730/>*

A Cidade. Chico Science, 1994.

*O sol nasce e ilumina
As pedras evoluídas
Que cresceram com a força
De pedreiros suicidas
Cavaleiros circulam
Vigiando as pessoas
Não importa se são ruins
Nem importa se são boas
E a cidade se apresenta
Centro das ambições
Para mendigos ou ricos
E outras armações
Coletivos, automóveis,
Motos e metrô
Trabalhadores, patrões,
Policiais, camelôs
A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
A cidade se encontra
Prostituída por aqueles que a usaram
Em busca de uma saída
Ilusora de pessoas
De outros lugares,
A cidade e sua fama
Vai além dos mares*

*E no meio da esperteza
Internacional
A cidade até que não está tão mal
E a situação sempre mais ou menos
Sempre uns com mais e outros com menos
A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
Eu vou fazer uma embolada,
Um samba, um maracatu
Tudo bem envenenado
Bom pra mim e bom pra tu
Pra gente sair da lama e enfrentar os urubus
Num dia de sol, recife acordou
Com a mesma fedentina do dia anterior.*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/chico-science/45205/>

A Nova Bíblia do Tio Sam. Pierre Bourdieu, Loïc Wacquant.

<http://diplomatie.uol.com.br/acervo.php?id=271&tipo=acervo&PHPSESSID=e982d772e136b75d3fac6b3715d1e5c5>

(...) Em todos os países avançados, patrões, altos funcionários internacionais, intelectuais de projeção na mídia e jornalistas de primeiro escalão, se puseram de acordo em falar uma estranha “novlangue [1]” cujo vocabulário, aparentemente sem origem, está em todas as bocas: “globalização”, “flexibilidade”; “governabilidade” e “empregabilidade”; “underclass” e “exclusão”; “nova economia” e “tolerância zero”; “comunitarismo [2]”, “multiculturalismo” e seus primos

“pós-modernos”, “etnicidade”, “minoridade”, “identidade”, “fragmentação” etc.

A difusão dessa nova vulgata planetária — da qual estão notavelmente ausentes capitalismo, classe, exploração, dominação, desigualdade, e tantos vocábulos decisivamente revogados sob o pretexto de obsolescência ou de presumida impertinência — é produto de um imperialismo apropriadamente simbólico: seus efeitos são tão mais poderosos e perniciosos porque ele é veiculado não apenas pelos partidários da revolução neoliberal — que, sob a capa da “modernização”, entende reconstruir o mundo fazendo tábula rasa das conquistas sociais e econômicas resultantes de cem anos de lutas sociais, descritas, a partir dos novos tempos, como arcaísmos e obstáculos à nova ordem nascente, — porém também por produtores culturais (pesquisadores, escritores, artistas) e militantes de esquerda que, em sua maioria, ainda se consideram progressistas. (...)

Como as dominações de gênero e etnia, o imperialismo cultural é uma violência simbólica que se apóia numa relação de comunicação coercitiva para extorquir a submissão e cuja particularidade consiste, nesse caso, no fato de universalizar particularismos vinculados a uma experiência histórica singular, ao fazer com que sejam desconhecidos, enquanto tal, e reconhecidos como universais. [3] (...)

Além do efeito automático da circulação internacional de idéias que, por sua própria lógica, tende a ocultar as condições e os significados originais, [4] o jogo das definições prévias e deduções escolásticas substitui a contingência das necessidades sociológicas negadas pela aparência da necessidade lógica e tende a ocultar as raízes históricas de todo um conjunto de questões e de noções: a “eficácia”

do mercado (livre), a necessidade de reconhecimento das “identidades” (culturais), ou ainda a reafirmação-celebração da “responsabilidade” (individual), que serão decretadas filosóficas, sociológicas, econômicas ou políticas, segundo o lugar e o momento de recepção. (...)

Planetarizados, globalizados, no sentido estritamente geográfico, e ao mesmo tempo desparticularizados, esses lugares-comuns, ao serem ruminados pelos meios de comunicação transformam-se num senso comum universal, fazendo esquecer que, na maioria das vezes, eles apenas exprimem — de forma truncada e irreconhecível, até por aqueles que os propagam — realidades complexas e contestadas de uma sociedade histórica particular, tacitamente constituída em modelo e em medida de todas as coisas: a sociedade norte-americana da era pós-fordista e pós-keynesiana. Esse único super-poder, essa Meca simbólica da Terra, caracteriza-se pelo dismantelamento deliberado do Estado social e pelo hipercrescimento correlativo do Estado penal, o esmagamento do movimento sindical e a ditadura da concepção de empresa fundada apenas no “valor-acionário”, assim como em suas conseqüências sociológicas: a generalização dos salários precários e da insegurança social, transformada em motor privilegiado da atividade econômica.

É o que ocorre, por exemplo, com o debate vago e fraco em torno do “multiculturalismo”, termo importado, na Europa, para designar o pluralismo cultural na esfera cívica, enquanto nos Estados Unidos se refere, no interior do próprio movimento pelo qual ele os mascara, à exclusão contínua dos negros e à mitologia nacional do “sonho americano” da “oportunidade para todos”, correlativa da

falência que afeta o sistema do ensino público num momento em que a competição pelo capital cultural se intensifica e quando as desigualdades de classe crescem vertiginosamente. (...)

O adjetivo “multicultural” encobre essa crise ao confiná-la, artificialmente, apenas no microcosmo universitário e ao expressá-la num registro ostensivamente “étnico”, quando seu verdadeiro desafio não é o reconhecimento das culturas marginalizadas pelos cânones acadêmicos, mas o acesso aos instrumentos de (re)produção das classes médias e superiores, como a universidade, num contexto de desengajamento ativo e massivo do Estado.

O “multiculturalismo” americano não é nem um conceito nem uma teoria, nem um movimento social ou político — ainda que pretenda ser tudo isso ao mesmo tempo. É um discurso-tela cujo estatuto intelectual resulta de um gigantesco efeito de allodoxia nacional e internacional [5] que engana tanto aqueles que estão nele como os que não estão. Além do que é um discurso norte-americano, embora pense e se apresente como universal, ao exprimir as contradições específicas da situação de universitários que, alijados de qualquer acesso à esfera pública e submetidos a uma forte diferenciação em seu meio profissional, não têm outro terreno onde investir sua libido política exceto o das disputas de campus disfarçadas em epopéias conceituais. (...)

Enquanto os filósofos se deliciam doutamente com o “reconhecimento cultural”, dezenas de milhares de crianças de classes e etnias dominadas são excluídas das escolas primárias por falta de vagas (eram 25.000 só este ano, na cidade de Los Angeles), e um jovem em dez provenientes de famílias que ganham menos de

15.000 dólares anuais tem acesso aos campi universitários, contra 94% das crianças de famílias que dispõem de mais de 100 000 dólares.

Poder-se-ia fazer a mesma demonstração a propósito da noção fortemente polissêmica de “globalização”, que tem como efeito, se não como função, vestir de ecumenismo cultural ou de fatalismo economista os efeitos do imperialismo norte-americano e de fazer aparecer uma relação de força transnacional como uma necessidade natural. Ao término de um retorno simbólico baseado na naturalização dos esquemas do pensamento neoliberal cuja dominação se impõe há vinte anos graças ao trabalho dos think tanks (bancos de idéias) conservadores e de seus aliados nos campos político e jornalístico, [6] a remodelagem das relações sociais e das práticas culturais conforme o padrão norte-americano, imposta às sociedades avançadas através da pauperização do Estado, mercantilização dos bens públicos e generalização da insegurança salarial, é aceita com resignação como resultado obrigatório das evoluções nacionais, quando não é celebrada com entusiasmo de carneirinhos. A análise empírica da evolução das economias avançadas de longa duração sugere no entanto que a “globalização” não é uma nova fase do capitalismo, mas uma “retórica” invocada pelos governos para justificar sua submissão voluntária aos mercados financeiros. A desindustrialização, o crescimento das desigualdades e a contradição das políticas sociais, longe de serem a consequência fatal do crescimento das trocas externas, como sempre se diz, resultam de decisões de política interna que refletem a mudança das relações de classe em favor dos proprietários do capital. [7] (...)

Como todas as mitologias da idade da ciência, a nova vulgata planetária apóia-se numa série de oposições e equivalências, que se sustentam e contrapõem, para descrever as transformações contemporâneas das sociedades avançadas: desengajamento econômico do Estado e ênfase em seus componentes policiais e penais, desregulação dos fluxos financeiros e desorganização do mercado de trabalho, redução das proteções sociais e celebração moralizadora da “responsabilidade individual”:

|MERCADO | ESTADO | |liberdade | coerção|
|aberto | fechado | |flexível | rígido | |dinâmico,
móvel | imóvel, paralisado| |futuro, novidade
| passado, ultrapassado| |crescimento |
imobilismo, arcaísmo | |indivíduo, individualismo
| grupo, coletivismo | |diversidade, autenticidade
| uniformidade, artificialidade | |democrático |
autocrático (“totalitário”)|

O imperialismo da razão neoliberal encontra sua realização intelectual em duas novas figuras exemplares da produção cultural.

Primeiramente o especialista que prepara, na sombra dos bastidores ministeriais ou patronais ou no segredo dos think tanks (bancos de idéias), documentos de forte cunho técnico, e tanto quanto possível construídos em linguagem econômica e matemática. Em seguida, o conselheiro em comunicação do príncipe, trãnsfuga do mundo universitário agora a serviço dos dominantes, cujo serviço é dar forma acadêmica aos projetos políticos da nova nobreza de Estado e da empresa. O modelo planetário e incontestado é o sociólogo britânico Anthony Giddens, professor da Universidade de Cambridge, agora à testa da London School of Economics e pai da “teoria da estruturação”, síntese escolástica de diversas tradições sociológicas e filosóficas. (...)

E pode-se perceber a encarnação por excelência do estratagema da razão imperialista no fato de que é a Grã-Bretanha, posta por razões históricas, culturais e lingüísticas em posição intermediária, neutra, entre os Estados Unidos e a Europa continental, que fornece ao mundo esse cavalo de Tróia de duas cabeças — uma política e a outra intelectual — na pessoa dual de Anthony Blair e Anthony Giddens, “teórico” autoproclamado da “terceira via”, que, segundo suas próprias palavras, que são citadas textualmente, “adoto uma atitude positiva em relação à globalização”; “tento [sic] reagir às novas formas de desigualdades”; porém logo adverte que “os pobres de hoje não são semelhantes aos de outrora, (...) assim como os ricos não se parecem mais com o que eram antigamente”; “aceito a idéia de que os sistemas de proteção social existentes, e a estrutura do conjunto do Estado, são a fonte dos problemas, e não apenas a solução para resolvê-los”; “ênfazo o fato que as políticas econômicas e sociais estão relacionadas” para afirmar melhor que “as despesas sociais devem ser avaliadas em termos de suas conseqüências para a economia em seu conjunto”; e, finalmente, “preocupo-me com os mecanismos de exclusão” que descobre “na base da sociedade, mas também no topo [sic]”, convencido que “redefinir a desigualdade em relação à exclusão nesses dois níveis” é “conforme a uma concepção dinâmica da desigualdade”. [8] Os mestres da economia podem dormir tranqüilos: eles encontraram seu Pangloss. [9]

NOTAS:

[1] Este termo não existe em português. Os franceses utilizam *novlangue* para os termos que desconsideram o vocabulário corrente e produzem termos que tornam hermética a compreensão do fenômeno relatado. Isso se dá na esfera política e filosófica.

[2] Comunitarismo é um conceito teorizado por Charles Taylor, Michael Walzer, Alasdair McIntyre. Valoriza a comunidade como um bem em si, assim como a igualdade e a liberdade, sendo o espaço no qual os indivíduos podem se exprimir, partilhar valores. Seus críticos vêem nesse conceito a teorização dos guetos.

[3] É bom deixar claro de saída não detêm o monopólio na pretensão ao universal. Vários outros países — a França, a Grã-Bretanha, a Alemanha, a Espanha, o Japão, a Rússia — exerceram, ou tentam ainda exercer, em seus círculos de influência, formas de imperialismo cultural bastante semelhantes. A grande diferença é que, pela primeira vez na história, um único país encontra-se em posição de impor o seu ponto de vista ao mundo inteiro.

[4] Ler, de Pierre Bourdieu, “Les conditions sociales de la circulation internationale des idées”, *Romanistische Zeitschrift für Literaturgeschichte*, 14 -1/2, Heidelberg, 1990, p. 1-10.

[5] Allodoxia: o fato de tomar uma coisa por outra.

[6] Ler, de Keith Dixon, *Les Évangélistes du marché*, Raisons d’agir Éditions, Paris, 1998.

[7] Com relação à “globalização” como “projeto norte-americano” visando a impor o conceito de “valor-acionário” da empresa, ler, de Neil Fligstein, “Rhétorique et réalités de la “mondialisation”, *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n° 119, setembro de 1997, p. 36-47.

[8] Estes trechos foram retirados do catálogo de definições escolares de suas teorias e opiniões políticas que Anthony Giddens propôs ao programa “FAQs (Frequently Asked Questions)”, em seu site na Internet.

[9] N. de. T.: Personagem do livro *Candide* ou *l’optimisme*, de Voltaire, filósofo que provava que tudo tem uma finalidade, que é necessariamente a melhor das finalidades. Seu refrão era: tudo é o melhor, no melhor dos mundos possíveis.

SITES

Le Monde Diplomatique:

<http://diplomatie.uol.com.br/>

Dicionário Histórico Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil: <http://www.dichistoria.saude.coc.fiocruz.br/iah/P/>

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio:
<http://www.epsjv.fiocruz.br/index.php>

Banco de Dados do SUS:
<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php>

Portal da Saúde:
<http://portal.saude.gov.br/portal/saude/default.cfm>

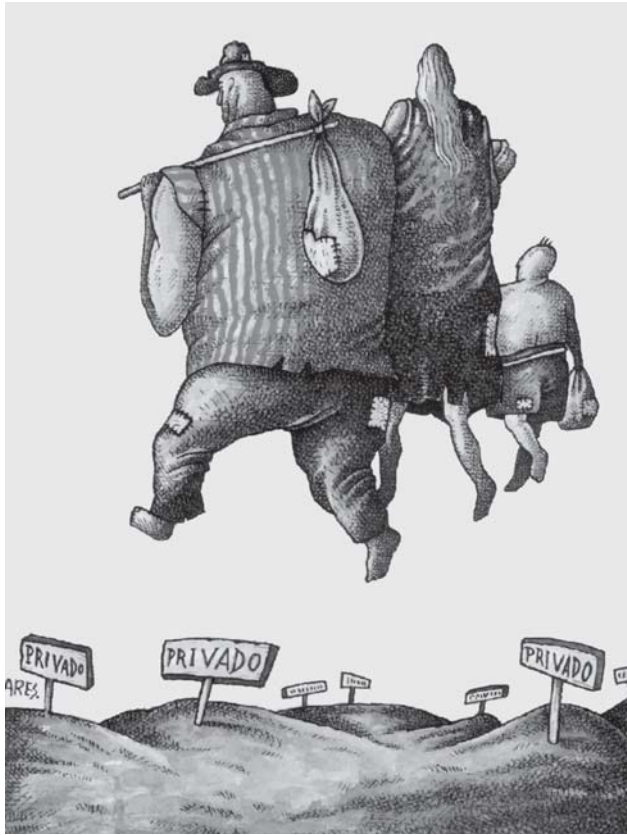
DE OLHO NO CONTEÚDO

1. A década de 1990 foi marcada pela afirmação do neoliberalismo no Brasil. No que diz respeito à política nacional de saúde, acirraram-se as tensões e os embates entre o setor público e o privado. Como consequência, verifica-se um avanço dos interesses mercantis na área da saúde, em detrimento de uma perspectiva voltada ao atendimento das necessidades da população e de uma compreensão da saúde como um bem público não-mercantil, *direito de todos e dever do Estado*, tal como define a Constituição brasileira. Sendo assim, discuta os caminhos tomados pelo Sistema Único de Saúde nesse período.

2. Na última década do século passado, observou-se o aprofundamento das formas de favorecimento, por parte do Estado, do setor privado da saúde. As agências financeiras do governo trataram de apoiar os hospitais particulares do país, por intermédio de repasse constante de recursos e do crescente credenciamento destes como instituições filantrópicas, livres de certos impostos. No entanto, propostas que pretendem resistir a esse processo de subordinação da lógica pública à lógica privada, no campo da saúde, não deixam de se fazer presentes. Identifique essas propostas e as principais questões envolvidas no debate.

DE OLHO NAS IMAGENS

As charges e as fotografias destacadas retratam a crise econômica e a crise na saúde pública do Brasil nos anos 1970. Reflita sobre a relação entre elas.



**Sr. Deputado:
dê à saúde o que
é da saúde.**

**Vote a favor da
regulamentação
da EC29.**

EU QUERO É + SAÚDE
Vamos apoiar a
regulamentação
da verba da saúde

CM Conselho Federal
de Medicina **FENAM**

Fronte Parlamentar da Saúde



